UM ACERVO RICO E MALCONSERVADO (*)

Márcia Gurgel

Na cidade desamante de seu passado, não causa estranheza o estado de abandono do rico acervo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). A situação, como explica seu atual presidente, o professor Geraldo da Silva Nobre, nunca foi de muitas benesses, mas falta de recursos, agora é tamanha, que obras valiosas são consumidas pelas traças e exemplares raros de jornais, amontoados, destroçados, servem apenas para ocupar espaço nas prateleiras.

Apesar da permanente crise financeira – o Instituto sobrevive graças a boa vontade de seus próprios sócios, os 40 componentes – o Presidente está cheio de projetos. Ele quer criar um Fundo Editorial, que assegure tanto a mutenção da Revista (a publicação iniciou em 1887, ano da fundação da entidade, já foi trimestral, quadrimestral e por fim anual), como a edição de outras obras dos sócios. Ele quer dinamizar a comercialização dos exemplares, planeja o sistema de assinaturas e espera que cada Prefeitura cearense adquira pelo menos um exemplar da Revista. Outro projeto é o de levantamento da bibliografia cearense, desde o século passado. "A nossa bibliografia é rica, mas a maioria a desconhece", justifica Nobre.

Por falta de uma bibliotecária (a única lotada está deslocada para serviços administrativos, devido à carência de pessoal), jornais antigos

---

(*) Transcrito de "O Povo", de 03/06/91.

estão empilhados nas prateleiras ou no chão, muitos deles comidos pelo cupim. Não há dinheiro para encadernar as coleções. Fortaleza não dispõe de uma hemeroteca digna. Há alguns anos, o fogo consumiu parte dos jornais da Biblioteca Pública. Também não há hemeroteca no Arquivo Público, informa Geraldo Nobre, que igualmente preside o órgão. Completa, mesmo, a coleção do "O Nordeste". (Há outra na Arquidiocese).

A verba que o Instituto do Ceará recebe do Governo do Estado é insignificante. No ano passado, segundo o coronel Paulo Ayrton, foi suficiente para pagar apenas metade de um mês da Cagece e metade de outro da Coelce. Para efetuar despesas urgentes, os sócios contribuem, cada um, com Cr$ 2 mil mensais. Os poucos funcionários são cedidos pela Secretaria de Cultura. Os da Universidade, por força de um decreto federal, foram devolvidos à UFC. Vinícius Barros Leal, um dos sócios, paga o faxineiro.

Além de livros, revistas e jornais, o Instituto possui, em seu patrimônio, quadros, retratos, mapas, esculturas e um rico mobiliário, "tudo obtido através de doações", ressalta Nobre. Ha preciosidades como as atas do Senado, desde o Império, as obras completas de Chateaubriand, e livros como "Nobiliarquia Pernambucana", de Borges da Fonseca, e de Thomás Pompeu e Eurico Facó, doadas pelas famílias. De Capistrano de Abreu, além dos livros, há estantes, escrivaninha, mataborrão, tinteiro, porta-chapéu, um guarda-chuva quebrado e até uma rede, armada entre duas estantes. Também há escrivaninhas do desembargador Paulino Nogueira, o primeiro presidente do Instituto, e do Barão de Studart, um dos doze fundadores.

O cupim ainda ameaça ao patrimônio mas a situação já esteve pior, quando estragou até quadros antigos dos ex-presidentes e alcançou o Auditório Barão de Studart. O quadro atual de 40 sócios, com os dois novos eleitos – Liberal de Castro e João Alfredo Montenegro – ainda não empossados. O Instituto foi oficialmente instalado a 4 de março de 1887. Um ano antes fora criado o primeiro Instituto Histórico Cearense mas a seca daquele ano levou ao fechamento da entidade. Em 1860, quando da passagem da famosa Comissão Científica de Exploração, já se tentara um órgão semelhante, sem êxito entretanto. Assinaram a ficha de fundação os intelectuais Antônio Bezerra de Menezes, Padre João Augusto da Frota, José Sombra, Antônio Augusto Vasconcelos, Juvenal Sales, Virgílio Brígido, desembargador Paulino Nogueira, senador Joaquim Catunda, Júlio César da Fonseca, Barão de Studart, Virgílio de Moraes e João Batista Perdigão de Oliveira. Poucas mulheres foram eleitas. Entre os 40, há apenas duas, que são

Valdelice Carneiro Girão e Zélia Sá Viana Camurça. Ilustres dentre os ilustres, Geraldo Nobre cita os nomes de três ex-governadores: Parsifal Barroso, Virgílio Távora e Plácido Castelo, além de senadores (Mauro Benevides um deles).

Apesar da crise financeira, constante na entidade, o atual Presidente, empossado a 4 de março passado e com mandato de dois anos, tem muitos planos. Já conversou com o secretário de Cultura, Augusto Pontes, que se mostrou receptivo aos pleitos. Nobre, aliás, não quer simples ajuda, mas troca de interesses. Ele fala que o Instituto do Ceará, pela inteligência que reúne tem muito a oferecer. Pretende organizar visitas de pequenos e seletos grupos, como os professores e alunos dos cursos de História. O rico acervo bibliográfico está aberto ao público. Necessita apenas de um profissional especializado para acompanhamento dos pesquisadores. "Isto é uma casa de cultura, precisa ser mais frequentada. Os estudiosos desconhecem o potencial que o Instituto do Ceará dispõe", comenta Nobre. E não é justo que, para dar continuidade a publicações como a Revista, que tem circulação internacional, os seus próprios sócios, como foi o caso de Mozart Soriano Aderaldo, ex-presidente, tenham que reverter, a favor da entidade, toda a renda de obras publicadas. O Instituto é um patrimônio do Ceará, que tão pouco zela pela sua cultura.